

EL ÚLTIMO CUPLÉ / 1957

O Último Couplet

Um filme de Juan de Orduña

Realização: Juan de Orduña / *Argumento:* Antonio Mas-Guindal, Jesus Maria de Arozamena / *Fotografia:* José Fernandez Aguayo / *Música:* Solano / *Direcção Artística:* Siegfried Burmann / *Décors:* Bronchalo / *Guarda-Roupa:* Monica e Peris Hmos / *Montagem:* António Cánovas / *Interpretação:* Sara Montiel (Maria Luján), Armando Calvo (Juan Contreras), Matilde Muñoz Sampedro (a tia de Maria), José Moreno (Cândido, o primeiro namorado de Maria), Enrique Vera (Pepe, o toureiro), Julita Martinez (Trini), Alfredo Mayo (o Grão-Duque Vladimir da Rússia), Beni Moreno (a amiga de Maria), etc.

Produção: Juan de Orduña para ORPHEA (Barcelona) / *Distribuição:* CIFESA / *Cópia:* digital, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 112 minutos / *Estreia Mundial:* Madrid, 11 de junho de 1957 / *Estreia em Portugal:* Cinemas Condes, Avis e Roma, a 11 de outubro de 1957.

Em **Último Cuplé** começou o mito Sara Montiel. Em **Último Cuplé** Sara se tornou Saritíssima.

Aparentemente, nada de mais inesperado. Nos anos 40, em Espanha, a atriz nunca conseguiu um papel de protagonista. De 1950 a 1954, no México, teve esses papéis (de protagonista) mas apesar dos sucessos de Martin Corona e do interesse de **Carcel de Mujeres** só conseguiu o passaporte para Hollywood, em 1954. E não se pode dizer que entrasse em Hollywood com o pé direito. Se a escolheram realizadores como Aldrich, Anthony Mann ou Samuel Fuller o que todos lhe deram foram sempiternos papéis de índia em que Sara nunca conseguiu fugir ao estereótipo. Foi discreta e aplicada. Não foi mais. Os filmes americanos de Sarita mostraram uma muito bonita mulher mas não mostraram mais nada. Nada, certamente, que levasse “fans” a elegerem-na como ídolo. Assim acabou para Sara Montiel o ano de 1956, o ano em que fez 28 anos. A sua carreira parecia numa encruzilhada ou num beco sem saída.

Foi então que a atriz voltou a Espanha e um velho amigo, Juan de Orduña, que já a dirigira em **Locura de Amor** (48) e **Pequeñeces** (50) a convenceu a aceitar o papel principal em **El Último Cuplé**.

Orduña (1907-1973) não era grande espingarda mas conseguira alguma reputação em filmes históricos como **Agustina de Aragón** (50), **La Leona de Castilla** (51) ou **Alba de America** (51). O musical era contudo o género que mais o seduzia e aproximou-se pela história de Arozamena e Más Guindal vendo nela filão precioso para a abordagem da era do *couplet*. Convenceu-se que teria um êxito imenso se a grande Carmen Sevilla fosse a protagonista. Ainda estava fresca a memória de umas certas **Violetas Imperiais**... Carmen não cantava? Seria dobrada, em *play back*, por Concha Piquer. Mas Carmen Sevilla começava, ela própria, a ser assediada por propostas internacionais, como a de Don Siegel para fazer **Flamenca**. E como Orduña não tinha muito dinheiro, declinou o convite. Foi então que o realizador se lembrou de Sara e a convenceu. Quanto à voz, que Sara até aí nunca exibira, ficasse descansada. A solução seria a mesma, com Concha Piquer a dobrá-la. Mas à última hora, Concha roeu a corda. Achou que uma coisa era dobrar Carmen Sevilla, outra uma ignorada Sarita. Em grandes apuros, com o filme, atrasadíssimo e com

os credores à perna, Orduña resolveu que para grandes males grandes remédios. Ele sabia que Sara cantava e até tinha uma voz bonita. Já no *plateau* e sem que tal fizesse parte do contracto, decidiu-se: Sara cantava. Quando de tal souberam, os “mecenass” retiraram os poucos tostões que restavam. Como imortalizar o *couplet* com uma “amadora”? Mas Orduña e Sara persistiram. A actriz ganhou umas míseras cem mil pesetas, Orduña teve que vender o filme antes da estreia para pagar aos credores.

Sara Montiel voltou então a Hollywood à procura do novo filme e disposta a esquecer esse infeliz parêntesis espanhol. Diz-se que estava convencida que fizera o pior filme da sua vida. Até que Orduña lhe telefonou em alvoroço. **El Último Cuplé**, estreado em Madrid, estava a bater todos os recordes de bilheteira e transformou-se, do dia para a noite, no maior sucesso comercial de todos os tempos do cinema espanhol. Ela que viesse e visse. Sara veio e viu. A Espanha recebeu-a em delírio. *A star was born*.

O delírio repetiu-se por toda a parte e foi particularmente vivo em Portugal no Outono de 57, com estreia em três cinemas e meses de lotações esgotadas. E o delírio não terminou nesses idos de 50, como muita boa gente pensava. Quando, nos anos 80, o culto de Sara (culto cinéfilo) recomeçou, foi ainda em torno de **El Último Cuplé** revisitado então como apogeu do *kitch* e passagem directa de Madrid dos anos 50 aos da *movida* e do imaginário de Sarita ao de Almodovar.

É sempre difícil tentar fugir às modas e às correntes. Mas duas coisas saltam à vista, perante esta famigerada obra: a primeira é que nem realização, nem argumento, têm efectivamente ponta por onde se lhes pegue, quer se tente a ponta “retro” (*honni soit...*), quer se tente a ponta pós-modernista. A segunda é que Sarita Montiel é, efectivamente, um espantoso bicho de cinema e que raras vezes uma fotogenia assim foi tão bem aproveitada nas telas. Evidentemente, há alguns elementos curiosos no filme, como os *décors*, o guarda-roupa, o uso do *eastmancolor* ou, sobretudo, a música. Mas nada disso existiria se não fosse Sarita.

Por um acaso, a minha primeira experiência de visão deste filme, fez-me perceber melhor como tudo se articula em torno da protagonista. Fiz uma confusão de horas e entrei na sala, na sequência do cabaret de Paris, quando Sarita Montiel, com aquele espantoso fato de 1900, canta o “Tengo il Corazon Gitano”, a que se segue a bofetada de Juan ao Grã-Duque que lubricamente lhe estende a boca para o peito e o duelo. Convencido que o filme acabara de começar, aceitei perfeitamente o desenrolar da narrativa, como uma progressão verosímil. Só me espantei quando apareceu a palavra fim (no que, julgava eu, seria a morte de Sarita) por causa da curta duração da obra. Só quando revi o filme, na sua integralidade, percebi que nada perdera, a não ser mais alguns belos planos e mais algumas belas canções de Sarita. Porque tudo o resto, e até a narrativa em *flashback* só tornam o filme ainda mais incongruente. Se salientei esta experiência foi apenas para dizer que, num caso como noutro, o filme só existe quando Sarita canta e quando vemos aquela espantosa boca, aqueles espantosos olhos e aquele espantoso corpo.

A uma das maiores *stars* dos *fifties* – Ava Gardner – chamaram “o mais belo animal do mundo”. Sarita Montiel, que, no filme, não aceita o título de rainha, mereceria, tanto quanto a famosa “condessa descalça” esse título, porque é exactamente o que ela é. Os seus filmes são bem piores do que alguns de Ava? São. Mas isso mais depõe a favor dela. E se há mistério inexplicável, é que Hollywood tenha passado ao lado de tanta fotogenia, para esta vir a ser finalmente revelada num filme medíocre por um cineasta medíocre. Qualquer surpresa tem toda a razão de ser. E não tirem os olhos de Sarita Montiel. Quem não a viu em **El Último Cuplé** nunca viu nada.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico.